

# Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilly Souza do Vale  
(Organizadores)



# Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilly Souza do Vale  
(Organizadores)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Carlos Alberto Souza do Nascimento Júnior  
**Organizadores:** Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilyly Souza do Vale

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S478 Sentidos em Gestalt-terapia [recurso eletrônico] : novas vozes, outros olhares / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilyly Souza do Vale. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-355-2

DOI 10.22533/at.ed.552201609

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva.  
II. Vale, Kamilyly Souza do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## PREFÁCIO

Escrever o prefácio de uma obra não é uma tarefa fácil. A tarefa se torna ainda mais difícil quando se trata de um livro escrito por vários autores e autoras, composto de doze capítulos, que perpassam por temas pungentes e de extrema relevância na atualidade. Dado isso, me sinto realizando uma delicada tarefa e receosa de que não a cumpra de forma honrosa. Que me desculpem os autores e as autoras se meu prefácio não estiver à altura do valor que encontrei em cada um dos capítulos.

Como já nos indica o título “Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares”, o livro organizado por Lázaro Castro Silva Nascimento e Kamilly Souza do Vale tem a proposta de visibilizar autoras e autores que trazem contribuições inovadoras ao campo conceitual e técnico dessa abordagem, se debruçando sobre temas pouco tratados nos livros publicados em Gestalt-terapia no Brasil. A riqueza e a profundidade com que temas tão diversos são tratados me fascinou e me fez ficar absorta nas páginas do livro; creio que será exatamente a mesma experiência que os leitores viverão diante da obra em questão.

O primeiro capítulo escrito por Lázaro Castro traz reflexões provocativas sobre o que podemos ou não considerar Gestalt-terapia. No diálogo que Lázaro traça com seu leitor, o mesmo aponta a não homogeneidade conceitual que embasa a prática dos profissionais desta perspectiva psicoterápica. Então, Lázaro busca ao longo do capítulo elucidar o que considera os fundamentos conceituais e teóricos da Gestalt-terapia e trazê-los a nós em um texto claro, construído sobre sólidas referências teóricas.

O segundo capítulo é uma contribuição valiosa de Kamilly Vale ao campo da psicoterapia de casais em Gestalt-terapia. Kamilly desenvolve o texto a partir de sua própria experiência de trabalho com casais, tanto teórica quanto prática, nos trazendo um alerta quanto ao grau de violência que é encontrando usualmente no relacionamento íntimo e que se reflete em modelos comunicacionais pouco cuidadosos entre as partes do casal. Kamilly constata que a comunicação está muito além do que é meramente dito e o discurso entre casais permanentemente atravessado pelas influências culturais.

No terceiro capítulo encontramos um belíssimo texto tecido a seis mãos e que se debruça sobre o tema da felicidade dentro do ponto de vista da Gestalt-terapia. Os autores Patrícia Yano, Francisco Soares Neto e Mariana Andrade partem da constatação de que a busca pela felicidade, e pela compreensão do significado da mesma, é secular. No entanto, o tema não tem sido objeto de ampla reflexão nas obras de Gestalt-terapia, tarefa à qual se propõe os autores.

A autora Mariana Pajaro desenvolveu o quarto capítulo a partir das inquietações vividas na prática clínica com crianças. Mariana relata sua busca por maior aprofundamento teórico-técnico, permeada por um sensível testemunho de experiências vividas em sua

clínica nas quais descobriu a importância de entrar em contato com a criança que um dia ela foi.

O quinto capítulo versa sobre o tema do trauma e a autora nos conta sobre seu percurso profissional, no qual buscou técnicas específicas que têm como base os conhecimentos das neurociências. Simone Dreher defende o ponto de vista de que o trabalho com traumas em Gestalt-terapia pode ser enormemente enriquecido pela aproximação com os estudos contemporâneos das neurociências, apresentando alguns conhecimentos que adquiriu nesse intercâmbio que se propôs a fazer.

No sexto capítulo nos deparamos com mais um tema tocante: o processo de elaboração do luto decorrente do fim de uma união afetiva. Keila Santos, partindo da constatação de que o número de separações e divórcios é crescente na sociedade contemporânea, traz contribuições importantes sobre o tema, obtidas por meio de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, sob o prisma da Gestalt-terapia.

Ao chegarmos ao sétimo capítulo, escrito por Hayanne Alves e Wanderlea Ferreira, novamente somos colocados frente a frente com um tema impactante no que diz respeito às possibilidades e dificuldades da prática do gestalt-terapeuta no sistema prisional brasileiro. A ação profissional em um contexto tão adverso é apontada, pelas autoras, como de extrema relevância e a visão de ser humano da Gestalt-terapia pode servir como suporte para uma prática em que os aspectos criativos são valorizados.

Livia Arrelias, no oitavo capítulo, denuncia a quase inexistência de discussões sobre as existências pretas e indígenas em Psicologia, de maneira ampla, e em particular na Gestalt-terapia. A autora reflete sobre o quanto o modo elitista do desenvolvimento da Psicologia no Brasil se refletiu em práticas psicológicas discriminatórias e socialmente excludentes.

No capítulo nove encontramos o relato de uma pesquisa desenvolvida a partir de perfis de usuários do aplicativo Grindr, um aplicativo de encontros para homens. Paulo Barros identificou um perfil de homem ideal preconceituoso na população estudada, verificando concepções homofóbicas e misóginas, mesmo entre homens que se relacionam com homens. A partir daí, reflete sobre os conceitos de introjeção e fronteira de contato na Gestalt-terapia.

O décimo capítulo foi redigido por Gabriely Garcia, Tainá Tomaselli e Ana Carolina Galo. As autoras escrevem sobre a importância da música em nossas vidas e, em especial, na utilização desta como recurso terapêutico por musicoterapeutas ao longo da história. Partindo da integração teórica entre a profissão da Musicoterapia e a Gestalt-terapia, constroem uma proposta de Gestalt-Musicoterapia ou Musicoterapia Gestáltica.

O processo de luto durante a pandemia de Covid-19 de Heloá Maués e Michele Moura é o tema do penúltimo capítulo do livro. As autoras consideram a delicadeza da situação em que vivemos na qual o direito de vivenciarmos o luto e os rituais de despedida dos entes que amamos nos tem sido tirado não só pelas dificuldades próprias à pandemia,

mas também por uma ausência de políticas governamentais apropriadas ao enfrentamento desta.

Chegamos então ao capítulo de encerramento no qual, mais uma vez, somos confrontados com um tema de grande relevância que é pensar sobre a experiência da vergonha calcada nos conceitos da Gestalt-terapia. Larissa Carvalho buscou compreender o processo vivenciado por uma pessoa envergonhada e as implicações da moralidade social.

Daqui em diante, fica por conta do leitor o cuidado na leitura e a abertura para a reflexão que o livro poderá proporcionar. Espero que todos possam usufruir de tão rico material organizado no livro, tanto quanto eu o fiz.

**Patricia Valle de Albuquerque Lima**

*Gestalt-terapeuta e Psicóloga. Doutora em Psicologia pela  
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da  
Universidade Federal Fluminense (UFF).*

## APRESENTAÇÃO

Os escritos presentes na obra *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares* são antes de tudo um manifesto afetivo. Convidamos Gestalt-terapeutas espalhadas/dos pelo Brasil para compor um material que fosse ao mesmo tempo rico em produção de sentidos, mas também que transbordasse afetividade e construção teórico-prática na Gestalt-terapia.

Os trabalhos apresentados aqui versam sobre temáticas contemporâneas e diversas provocando leitoras e leitores ao *sentir* enquanto se debruçarem sobre cada um dos capítulos. Nosso objetivo maior foi ouvir novas vozes, possibilitar um espaço e dar visibilidade para autoras e autores que realizam pesquisas e trabalhos importantes na área, compartilhando-os e os tornando acessíveis à comunidade de um modo geral.

Esperamos que esse passo inicial seja de fato a concretização de um desejo comum: integrar espaços dentro da Gestalt-terapia, dirimir nichos que detêm lugares previamente demarcados e disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer gestalt-terapêutico.

Uma excelente leitura para todas e todos!

**Lázaro Castro Silva Nascimento**

**Kamilly Souza do Vale**

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
GESTALT-TERAPIAS E GESTALT-TERAPEUTAS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E PLURALIDADE DE PRÁXIS Lázaro Castro Silva Nascimento DOI 10.22533/at.ed.5522016091	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NO MANEJO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA Kamilly Souza do Vale DOI 10.22533/at.ed.5522016092	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
OS ESTUDOS SOBRE A FELICIDADE E A GESTALT-TERAPIA Luciane Patrícia Yano Francisco Alves Soares Neto Mariana da Silva de Andrade DOI 10.22533/at.ed.5522016093	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>47</b>
ESTAR-COM CRIANÇAS: EM BUSCA DA LINGUAGEM PERDIDA Mariana Pajaro DOI 10.22533/at.ed.5522016094	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>57</b>
TRAUMA, NEUROCIÊNCIAS E GESTALT-TERAPIA: INTEGRANDO PRÁTICAS E ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS Simone Aparecida de Souza Dreher DOI 10.22533/at.ed.5522016095	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>67</b>
DESATANDO OS “NÓS” E RECONFIGURANDO O “EU”: O LUTO DECORRENTE DO FIM DA CONJUGALIDADE NA GESTALT-TERAPIA Keila Andréa Araújo Costa dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5522016096	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>78</b>
INTERLOCUÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO Hayanne Galvão Pereira Alves Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira DOI 10.22533/at.ed.5522016097	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>93</b>
REFLEXÕES DA CLÍNICA GESTÁLTICA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS Livia Arrelias DOI 10.22533/at.ed.5522016098	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>110</b>
“QUERO MACHO COM JEITO DE MACHO”: FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR	
Paulo Henrique Pinheiro de Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5522016099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>126</b>
GESTALT-MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ALINHAVOS TEÓRICO-PRÁTICOS	
Gabriely Leme Garcia	
Tainá Jackeline Tomaselli	
Ana Carolina Tiemi Galo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55220160910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>137</b>
O PROCESSO DE LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LEITURAS GESTÁLTICAS	
Heloá Pontes Maués	
Michele dos Santos Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55220160911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>152</b>
A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA	
Larissa da Silva Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55220160912</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>166</b>

# CAPÍTULO 4

## ESTAR-COM CRIANÇAS: EM BUSCA DA LINGUAGEM PERDIDA

Mariana Pajaro<sup>1</sup>

A criança que fui chora na estrada.  
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;  
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,  
Quero ir buscar quem fui onde ficou.

Ah, como hei-de encontrá-lo? Quem errou  
A vinda tem a regressão errada.  
Já não sei de onde vim nem onde estou.  
De o não saber, minha alma está parada.

Se ao menos atingir neste lugar  
Um alto monte, de onde possa enfim  
O que esqueci, olhando-o, lembrar,

Na ausência, ao menos, saberei de mim,  
*E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar  
Em mim um pouco de quando era assim.*

Fernando Pessoa

No início da minha prática como psicoterapeuta de crianças, buscava por uma consistência teórica capaz de me nortear na compreensão e no aprimoramento do trabalho com as crianças e suas famílias. No entanto, à medida que me encontrava com elas, diariamente, no consultório, sentia-me tocada de tal modo que a teoria parecia não oferecer suporte suficiente. Eram questões e inquietações que não encontravam respostas na teoria – pois diziam respeito ao encontro humano e sua extraordinária ressonância em mim.

O encontro com a criança despertava um misto entre o encantamento por elas e o desconforto do seu reflexo em minha criança interna, tocada intimamente, mesmo que sem qualquer permissão minha. Lembro-me da sensação de descontrole diante delas, que me causava medo e querer, retraimento e expansão, desafio e satisfação. Junto delas, pouco importava o conhecimento teórico, as elaboradas intervenções, as compreensões possíveis

---

1. Gestalt-terapeuta. Psicóloga (CRP 08/24801) e supervisora clínica. Especialista em Gestalt-terapia; mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília e doutoranda em Psicologia pela Universidade de São Paulo.



a respeito de seus processos... elas me convocavam a simplesmente *estar-com* elas.

Não se pretende com isso contestar a substancialidade do conhecimento, do aprofundamento teórico e da formação contínua na constituição e no aprimoramento de um psicoterapeuta infantil. A expansão da literatura no campo da Gestalt-terapia com crianças, sobretudo, ao longo das últimas décadas, tem sido fundamental para o desenvolvimento e consolidação de uma prática consistente, responsável e cuidadosa nessa área (PAJARO, 2015). No entanto, transpondo o saber, nos defrontaremos com a arte do encontro *com* a criança.

Esse parece ser um grande, se não o maior, desafio ao psicoterapeuta infantil: a disponibilidade para o encontro com a criança em seu mundo. Esse último detalhe é fundamental, uma vez que não basta tentar acessá-la pelo mundo do adulto, mas, necessariamente, pelo mundo do infante, com todas as suas especificidades e características. Estas reflexões pretendem dar pistas para a busca pela linguagem perdida por nós, a qual possibilita o diálogo verdadeiro e que é, impreterivelmente, vivida, sentida e, em última instância, um convite à experiência.

Com o intuito de esmiuçar a vivacidade e a graça do mundo infantil, a começar por um resgate de nós mesmos e pela apropriação da experiência de nossa criança, divido aqui algumas reflexões tecidas sobre *estar-com* crianças (na psicoterapia e fora dela) como possibilidade de aproximação com esse universo. Compartilharei um pouco do muito que aprendi com elas mesmas, dentro e fora do contexto psicoterapêutico, com base na observação, nos aprendizados e nos transformadores encontros e desencontros vividos até aqui.

## 1 | **ESTAR-COM CRIANÇAS**

*Estar-com* diz respeito à magia do entre, o que Hycner e Jacobs (1997) descrevem como a dimensão impalpável e invisível que nos une como seres humanos. Em se tratando de crianças, o entre se desenvolve a partir de uma presença interessada no outro, isto é, um adulto com uma postura de abertura e curiosidade por aquele pequeno ser diante de si.

Neste texto, adotaremos o uso do hífen para evidenciar a noção de relação que perpassa, a todo momento, o encontro humano. Dessa reflexão, nasce o que parece ser um dos maiores desafios ao psicoterapeuta: *estar-com* crianças, isto é, encontrar-se verdadeiramente com elas. No intuito de revelar esse mundo infantil, caminharemos pela descrição da experiência de *estar-com* crianças, na tentativa de tocar, apreender e sentir aquilo que guarda de mais essencial.

*Estar-com* crianças... como mãe, como pai, como avós, como educador, como psicoterapeuta... como um outro, seja qual for seu papel. Um encontro sempre carregado de significados e sentidos, atravessados pela própria história que se entrelaça à do outro, num dado espaço e tempo. Iniciaremos aqui a busca por uma linguagem perdida (porém,

existente), na esperança de que aflore no/a leitor/a algo novo, talvez desconhecido, que sirva como pistas para um encontro possível com a criança, naquilo que ele desvela como desafio e também como possibilidade. Mais do que um convite para pensar o atendimento infantil à luz da Gestalt-terapia, se trata de um convite ao contato com a própria experiência de *estar-com*, reconhecendo sua infinidade de configurações possíveis.

No trabalho com crianças e com o atendimento clínico na perspectiva gestáltica, percebe-se que os modelos e técnicas do atendimento infantil são demasiadamente mais assimiláveis do que propriamente as sutilezas da arte do encontro. Isso parece compreensível, se considerarmos que o “fazer” e o “*estar-com*” acontecem em atitudes diferentes, ainda que complementares. Se, na primeira, de muito servem as teorias e o conhecimento, na segunda, esses perdem a função frente ao desconhecido, ao mistério do encontro, contato ativo entre as fronteiras do eu e do não-eu.

*Estar-com* crianças é, necessariamente, deparar-se com a própria criança... Aquilo que se desvela nelas faz contato com o que existe em nós, como numa ressonância da qual não se tem controle, como uma evocação que nos conduz, de forma inevitável, à nossa própria experiência de ser criança. Oaklander (1980) exemplificará que não se trata de recordar fatos ou acontecimentos da infância, mas, essencialmente, de lembrar de ser.

É possível que muitos de nós tenham se esquecido desse lugar que um dia habitamos, mas, por certo, será transformador resgatar a criança que um dia fomos e a que hoje nos habita, atualizada. Trata-se de um reencontro com a própria história, com memórias deliciosas (que deixam saudades) e dolorosas, acompanhadas de sensações e sentimentos, por vezes, cuidadosamente adormecidos.

Ao ser tocado por uma criança, o adulto se defronta com o desafio de revisitar sua infância e reconfigurar sua história, exercitando a diferenciação entre aquilo que é seu e o que é do outro (ZANELLA, 2010). As emoções experimentadas nesse processo tocam memórias que reavivam cores apagadas pelo tempo, e, mesmo que possam despertar dores e reabrir feridas não curadas, sempre trazem consigo a possibilidade de atualização e a oportunidade de um novo cuidado.

Todo contato com o novo favorece o crescimento, uma vez que demanda um ajustamento criativo, como uma novidade que demanda assimilação (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). É impossível entregar-se verdadeiramente ao encontro com uma criança e não se sentir transformado por essa experiência.

*Estar-com* crianças é brincar... E lembrar de ser criança também é lembrar que, nesse mundo, a principal linguagem é a da brincadeira. Bola no pé, boneca nos braços, correria com gritos, risadas e choros intensos, disputa com o colega, com o irmão, imaginação solta, graça simples, “era uma vez...”, figurinha, jogo, pique-pega, pula cordas, amarelinha, tablet, luta, super-herói, novela infantil, filme das princesas, casinha, futebol, “chefinho mandou”, cientista, astronauta, professora, argila, caça-fantasmas, casinha, videogame... o brincar que predomina sobre a palavra verbal, que é ato, corpo em movimento.

É preciso lembrar de brincar... E você, lembra o que é isso? Quão perto ou distante você está desse mundo? Você ainda brinca, se diverte? É essa a língua que a criança nos convida a falar; sem resgatá-la, é impossível nos comunicarmos. Huizinga (2014) nos adverte que, para o indivíduo adulto e responsável, a brincadeira é uma função que facilmente poderia ser dispensada, como algo supérfluo, e que só se torna uma necessidade urgente na medida em que o prazer por ela provocado a transforma nisso.

Esse mundo existe! Muitos de nós sequer se lembram, como se não só essa linguagem fosse perdida, mas, o próprio mundo infantil, nunca mais habitado, outrora recolonizado pela seriedade do adulto. Parece distante e, para alguns, soa inalcançável... até você se deparar com uma criança, que te lembra a existência dessa terra encantada em você. Como um mapa da mina, ela te guia a caminhos inesperados, surpreendentes.

Num simples gesto, a criança desconstrói nossas certezas, verdades absolutas e nos convida a brincá-las, fantasiá-las, flexibilizá-las, experimentar novas criações e formatos. Diante da criança, a rigidez se vê em apuros, a sobriedade desmorona, ambas colocadas em cheque, frente à graça e simplicidade da inocência e espontaneidade infantil. Algo que se revela para aqueles que escutam não só com os ouvidos, mas, com o corpo todo.

*Estar-com* crianças é expandir os sentidos... Com o desenvolvimento da fala no começo da vida e o passar dos anos, se consolida a linguagem verbal, na qual a compreensão permeia a palavra. Com isso, compartilhamos os atos de falar e ouvir, com o uso privilegiado da audição para acessar e compreender o que é dito. Expandir os sentidos é pedir licença à escuta pelos ouvidos e ampliá-la para o corpo todo; é compartilhar a percepção com os olhos e o que ele enxerga, com o olfato e o que ele cheira, com o toque e o que ele sente... é sair do ouvido, como parte, e afinar o todo, colocando-se por inteiro na presença da criança.

No universo infantil, somos inevitavelmente convocados a ativar vivamente todas as funções de contato, na tarefa de acessar o que ultrapassa o contorno da palavra. Olhar, ouvir, tocar, falar, mover-se, cheirar e provar são diferentes vias para se perseguir as experiências de contato; sendo assim, a perturbação em qualquer uma dessas funções poderá bloqueá-lo ou o interromper (POLSTER; POLSTER, 2001). Muitos desencontros podem decorrer da inabilidade em alguma dessas funções, restringindo o *estar-com* a conversas desinteressantes, interrogatórios cansativos, por vezes, percebidos como uma invasão. Ainda que a criança possa se interessar menos por falar, por conversar, ela sempre tem muito a nos contar. Não basta estar, é preciso *estar-com*...

*Estar-com* crianças exige jeito e interesse genuínos. Isso se refere ao cuidado necessário para as tocar, para adentrar as experiências do seu mundo. Envolve, necessariamente, gostar de crianças, se interessar por elas e compreender o que as torna como são: crianças. Trata-se de uma postura cuidadosa, ao passo que interessada por quem ela está sendo a cada momento, sempre temporário. É um misto entre sensibilidade e curiosidade pela sua forma de perceber o mundo e de nele se colocar. Já experimentou

prestar atenção no encantamento ou na excitação de uma criança diante de uma novidade?

*Estar-com* crianças é uma postura contínua de criatividade, é se reinventar na espontaneidade, na imaginação. É comum sentir-se surpreendido por um gesto, movimento, proposição ou fala vindos de uma criança. Ela nos convida a imaginar, fantasiar, criar e experimentar novas realidades, dimensões e lugares. Na brincadeira, na fala, no olhar, tira-nos do lugar e convida a uma rápida e criativa reinvenção de nós mesmos. A criatividade diz respeito à capacidade de tornar-se qualquer coisa possível, um ato de coragem e de ruptura com os limites; é arriscar-se ao ridículo e ao fracasso para experimentar a novidade; é inspiradora (ZINKER, 2007). Criar é um ato de entrega.

## **21 ESTAR-COM CRIANÇAS NA PSICOTERAPIA**

Na psicoterapia de orientação gestáltica, *estar-com* crianças requer uma entrega absoluta ao inesperado, nunca previsível. Nunca sabemos o *quê* e *como* acontecerá cada encontro, com cada criança, e esse não-saber é fundamental para que ela se revele a seu modo, no seu tempo. Temos conosco a tarefa de favorecer o contato e promover um encontro genuíno, necessariamente permeado por incertezas e imprevisibilidade.

Poderíamos comparar o ato do psicoterapeuta a um pulo no inesperado: jamais imaginamos com o que nos defrontaremos. Para isso, é preciso silenciar as vozes internas, turbulentas, dirigidas a uma ação específica, para que cada criança construa sua caminhada, sem conduções ou direcionamentos que escondam sua manifestação mais autêntica nesse contexto. Axline (2005, p. 18) traduz essa condição frente ao primeiro encontro com uma criança:

Encontrava-me diante do desconhecido, em que uma luz baixa escondia as linhas da realidade e arremessava uma nuvem de incertezas sobre o amanhã. Nada se podia afirmar, nem negar. Sem os lampejos da evidência inequívoca, defrontava-me com os mistério daquele ser, numa atitude de respeito e humanidade.

O psicoterapeuta que sabe, ou que imagina que sabe como desenvolverá a sessão apegar-se a hipóteses e fantasias que incorrem no risco de direcionar o atendimento conforme suas expectativas. Uma das tantas belezas da criança é a capacidade inerente a elas de tirar-nos do lugar comum, de nos trazer o frescor do novo e do desconhecido. Sua postura acolhedora e aberta se constroi sobre a premissa de que não cabe ao psicoterapeuta julgar qualquer manifestação ou expressão da criança baseado em “deveria(s)”, uma vez que na singularidade mora seu jeito de ser, único e inquestionável.

Tomar o ajustamento criativo, seja ele qual for, como uma autorregulação orgânica revela o movimento de equilíbrio do organismo e a tentativa de saúde que se manifesta em todo e qualquer sintoma. Ajustar-se criativamente revela saúde e doença, fluidez e fixação. A sessão de psicoterapia é, então, um convite à criança poder ser, revelando seus

ajustamentos e possibilidades na relação psicoterapêutica.

O psicoterapeuta, portanto, não pode ser figura no atendimento, tampouco seu plano terapêutico (ANTONY, 2010). A figura deve ser a criança em cena, suas necessidades, seu movimento espontâneo, sempre destacadas de um fundo de experiências. O encontro vira o palco no qual novas cenas acontecem e, pelo processo natural de assimilação, tais vivências se integram ao fundo de sua história viva. A perspectiva relacional reitera que “se nos construímos na relação, será também pela relação que nos reconstruiremos, e a relação terapêutica é o espaço privilegiado para que isso aconteça” (AGUIAR, 2014, p. 169).

Juntos, criança e adulto brincam, criam, encenam, co-constroem. O brincar livre na sessão é um convite e um incentivo à autonomia da criança e a um trabalho com o *self*. Isso acontece, por exemplo, quando a criança escolhe com o quê e como quer brincar, ou simplesmente como quer se colocar naquele contexto. Para que isso aconteça, é fundamental que o psicoterapeuta silencie seus barulhos internos, de modo a não impedi-lo de escutar o outro.

As ansiedades, expectativas, inseguranças, necessidade de controle da situação advindas do próprio profissional ou absorvida dos pais são como ruídos que se sobressaem e ofuscam o som espontâneo que sai da criança. Podemos resumir que uma das perspectivas desse encontro é o convite a um silêncio fértil, fruto da disponibilidade para a espera do inesperado. Rehfeld (2020) afirma que se “des espera” aquele que não sabe esperar.

Esperar pela criança é acreditar nela, no seu potencial criador e criativo. Havendo espaço, ela se apresenta, sua figura toma forma e se destaca de um fundo. É um ato de fé e de cuidado. Essa fé não se refere à dimensão religiosa, mas, diz respeito à “confiança absoluta em alguém ou algo” (FÉ, [2020], sem paginação). Muitas vezes, é justamente o psicoterapeuta o primeiro adulto a confiar, confirmar e validar essa criança como ser, legitimando suas necessidades e possibilidades no aqui-e-agora.

Algumas dessas crianças, já habituadas à condição de incapacidade que ronda a compreensão da infância, e por serem vistas como quem deve obedecer a alguém mais velho, se mostram paralisadas nos primeiros encontros, como quem espera por algum comando sobre o que fazer, como fazer. Parecem aguardar instruções, como de comum a uma infinidade de manuais que seguem fora dali. Nosso papel é criar um vínculo que possibilite experimentar algo diferente desse modelo, para não repetirmos essa história já conhecida.

Quando nos vemos diante de uma criança paralisada frente à novidade de uma nova pessoa, uma nova sala, um novo contexto, e ao percebermos seu retraimento, podemos convidá-la a se apresentar, assim como poderá se apresentar o psicoterapeuta e seu espaço. Ainda assim, há nisso um fato inquestionável: a vergonha, por exemplo, só se revelará como fenômeno na espera paciente para que ela se mostre. Poderíamos compreender o *estar-com* crianças como uma espécie de dança, na qual se sabe que as

pausas e as alternâncias entre dar um passo e aguardar o outro são essenciais para o ritmo harmonioso do encontro.

O atendimento infantil com crianças não requer, em hipótese alguma, que o terapeuta se porte como uma. Quando nos referimos ao resgate de sua criança, queremos dizer do potencial que incorre no acesso a um jeito de ser. Lembrar de ser é lembrar do olhar curioso da criança para o mundo, do tamanho que o mundo lhe parece ter, do gosto da infância, da ânsia pelo brincar, da excitação corporal que pede para o contato não parar... criança é movimento, corpo em ação. A criança fala sem falar palavras, fala com o corpo inteiro, mesmo quando não pronuncia uma única frase. Fala com seu jeito todo de ser, de se fazer... criança fala pela sua imagem em ação.

A brincadeira que acontece em um lugar que seja seguro, permissivo, acolhedor e confirmador será suficiente para que reconfigurações aconteçam, para que promova bem-estar e favoreça um funcionamento saudável (AGUIAR, 2014). Isso confirma o potencial terapêutico do brincar, que leva a avanços no atendimento, mesmo quando o profissional não consegue compreender e identificar teoricamente de quais condutas ou intervenções advêm as novas conquistas do processo psicoterapêutico. Brincar exige disponibilidade desse adulto, para que, juntos, seja possível adentrar o mundo da fantasia. Reservas ou entraves nessa entrega interferem na necessidade da criança, que demanda ser acompanhada e confirmada em sua aventura.

### 3 | EXPERIÊNCIAS DE *ESTAR-COM* CRIANÇAS EM PSICOTERAPIA

Por ter *estado-com* crianças em psicoterapia nos últimos dez anos, carrego memórias e experiências de encontros que muito me ensinaram. Brinco que elas foram minhas maiores professoras, meus livros “vivos”. Certa vez, uma criança de seis anos me ordenou, com tom de voz arbitrário, que ficasse de castigo no início do atendimento. A proposta era no mínimo desconfortável, pois esse menino mandava que eu me mantivesse parada, em absoluto silêncio, de frente para a parede. Me lembro com clareza do desconforto de sua proposta e da pronta recusa de minha criança interna, que viu conteúdos daquele convite se misturarem às suas *gestaltens* abertas.

Embora me mantivesse presa ao questionamento teórico do que era cabível a uma psicoterapeuta naquelas condições, e ciente da minha criança incomodada com o lugar de ser mandada, decidi rapidamente por embarcar em sua proposta intrigante. Escolhi ser conduzida por ele, acolhendo minha aflição de não saber o que nos aconteceria, confiando em sua necessidade sinalizada na brincadeira e abrindo espaço para que nossa criatividade ganhasse vida no brincar.

A possibilidade de exercer na brincadeira um papel de autoridade, o poder mandar em mim e reviver a experiência de um castigo angustiante, agora de outra perspectiva, foi uma experiência significativa para aquele menino, filho de uma mãe extremamente

autoritária e rígida, por quem era severamente castigado. Caso não me permitisse ser colocada nesse lugar e aceitar o convite à experiência por ele frequentemente vivida, não poderíamos tocar e experienciar com tamanha vivacidade a figura vibrante que se apresentou em seu aqui-e-agora.

Outra memória que tenho é de uma criança com quem me sentia muito insegura, pois era muito demandada por seus pais a ter respostas sobre o seu processo. Sem compreender bem o que se passava entre nós, na nossa relação, lembro-me de, em uma sessão, perguntar, perguntar, perguntar (na busca por respostas), e escutar dele: “ai, você fala demais!” Sábias e espontâneas palavras. Me ensinaram sobre o risco do excesso de palavras, que podem resultar num interrogatório infértil e invasivo ao outro.

É preciso suportar momentos do processo em que não há respostas, mesmo quando já existem perguntas. Elas necessariamente abrirão espaço para um olhar curioso, interessado e cuidadosamente paciente. Normalmente, os pais chegam à psicoterapia aflitos com a situação, na esperança que o psicoterapeuta dê a eles as respostas que não conseguiram obter sozinhos e/ou que resolvam a dificuldade que acreditam ser unicamente de sua criança. Nessas condições, é preciso cuidar para não ser capturado por esse campo de expectativas, roubando de si mesmo as condições necessárias para desenvolver uma relação acolhedora e suportiva a seu tempo.

Nem sempre as famílias nos darão as melhores condições de trabalho e contribuirão com o processo. Mesmo quando há um esforço necessário para as incluir no trabalho, cada uma responderá conforme suas possibilidades. Tive a experiência de trabalhar por quase dois anos com uma menina de 5 anos, filha adotiva de um casal. Lembro de me dar conta do quanto esse pai havia se tornado genuinamente seu pai, enquanto que a mãe vivia dificuldades em sentir-se verdadeiramente como sua mãe. Após sugerir psicoterapia para essa mãe, e depois de muitas tentativas de a sensibilizar e trabalhar a relação com sua filha, era difícil alcançar avanços nesse território.

Lembro-me de reconhecer que, embora tivesse maior limitação no trabalho com os pais, sobretudo com essa mãe, eles mantinham sua filha no processo psicoterapêutico sem interrupções e, com isso, nos possibilitavam um espaço de experimentação e contato com o novo por meio da relação terapêutica. É fundamental acolher o possível para cada família, a cada momento, em seu processo de autorregulação como organismo que é. As limitações ou dificuldades identificadas não podem ser subterfúgio para o profissional culpabilizar os responsáveis, muito menos, desistir do trabalho com a criança – há sempre muito o que ser feito.

Em uma brincadeira de casinha, aquela criança encenou a história de uma menina que, caso não agradasse sua mamãe, seria jogada fora na lata do lixo (assim ela verbalizou). Ao escutá-la, senti um impacto avassalador, como testemunha de uma experiência perturbadora. Fui colocada por ela no papel de irmã; meu esforço, ao ouvi-la, foi o de manter-me com ela na cena, acompanhando-a. Pude me sentir angustiada com

ela; vivemos juntas a triste aflição do risco de podermos ser descartadas por “nossa” mãe.

Ainda na cena, ela tenta cuidar de mim, sua irmã, como era de seu costume fazer com os próprios pais. Na sua família, ela era a “adulta” de 5 anos numa casa de pais infantilizados. Após acolher e dar suporte à figura que se apresentou, eu propus um lugar novo, e pela brincadeira convidei-a a ser cuidada. Inicialmente desconfortável com essa condição, aos poucos, ela se permitiu receber. Juntas, tocamos as experiências do descuido e do cuidado. Talvez, pela primeira vez, essa vivência pôde ser vivenciada por aquela menina... Por isso, repito: independente das condições, há sempre muito o que ser feito ao *estar-com* crianças.

## 4 | CONCLUSÃO

*Estar-com* crianças diz respeito a um outro que se entrega ao inesperado poder ser de uma criança. E poder ser só é possível quando há espaço, só se revela àquele que tem olhos para enxergar. No processo de “adulterar”, vamos anestesiando e distorcendo nossos sentidos, embaçando nossa percepção do todo. Por isso, é inerente a esse encontro resgatar nossa criança e re-contatar nossa história, afinando-nos como instrumento de toque.

A criança do psicoterapeuta é atuante no processo. Isso significa que conhecê-la é fundamental para que ela seja recurso e possibilidade, e não entrave ao movimento espontâneo da criança que está diante de si. Quanto mais aware de si, menor a probabilidade do profissional deixar-se guiar por suas próprias feridas e interrupções, dificultando com isso a retomada do crescimento do outro.

Para que este encontro favoreça o desenvolvimento da criança, o psicoterapeuta deverá contar com o suporte da psicoterapia pessoal e da supervisão, cuidados fundamentais com sua história em constante atualização. Nesse esforço gentil e cuidadoso, poderá aprimorar seu contato, abertura e presença consigo e com o outro. Sem esse investimento pessoal, poderá pôr em risco uma das crianças em cena, a sua ou a do cliente.

É preciso reconhecer que os livros nos dão pistas, mas, não nos ensinam a *estar-com* crianças, pelo simples fato de que experiência não se aprende, se vive. O encontro é contato, disponibilidade e entrega; é permissão para tocar e ser tocado, é *transformar-se-com*. A linguagem perdida, busca constante do psicoterapeuta infantil, é a linguagem viva e espontânea de ser... Ser criativo, ser espontâneo, ser livre, *ser-com-o-outro*...





Em última instância, o encontro genuíno é o oxigênio do processo psicoterapêutico infantil. A respeito disso, uma vez, ouvi uma comparação belíssima, com a qual concordo em absoluto: de que a psicoterapia com crianças é como uma tatuagem na alma, que marca para sempre. E, por isso, a questão é sobre qual registro queremos deixar nas crianças que passam por nós. O que pude descobrir é que cada uma delas também tatua algo em mim que me permite reconhecer em minha alma o colorido de seus traços.



## REFERÊNCIAS




- AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças**: teoria e prática. São Paulo: Livro Pleno, 2014.
- ANTONY, S. Um caminho terapêutico na clínica gestáltica com crianças. *In*: ANTONY, S. (Org.). **A clínica gestáltica com crianças**: caminhos de crescimento. São Paulo: Summus, 2010. p. 79-108.
- AXLINE, V. M. **Dibs**: em busca de si mesmo. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- FÉ. *In*: GRANDE Dicionário Houaiss Online. [S. l.]: UOL, [2020]. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- HYCNER, R.; JACOBS, L. **Relação e cura em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- OAKLANDER, V. **Descobrimo crianças**: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.
- PAJARO, M. V. **Gestalt-terapia com crianças**: uma análise de sua produção teórica no Brasil. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19080>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.
- REHFELD, A. **[Quem não sabe esperar se des espera]**. 27 maio 2020. Instagram: @arirehfeld. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAtBN5BBWXH/>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- ZANELLA, R. A criança que chega até nós. *In*: ANTONY, S. (Org.). **A clínica gestáltica com crianças**: caminhos de crescimento. São Paulo: Summus, 2010. p. 109-122.
- ZINKER, J. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

# Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

